

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA DE CORDEL NO SÉCULO XX-XXI

Data de aceite: 01/01/2024

Wesllainy dos Santos

Acassia Anjos

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a finalidade de apresentar as análises feitas sobre cordéis de autoria masculina e feminina do século XX e XXI, equiparando a visão tanto dos homens quanto das mulheres sobre elas mesmas.

A proposta em trabalhar a temática da representação feminina na literatura de cordel: contrapontos de uma perspectiva masculina e feminina (século XX-XXI) surgiu devido à realização de um projeto de pesquisa, desenvolvido pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), em que foi posta em ênfase a força da mulher ressaltada na literatura de cordel e no corrido mexicano.

Por ser mulher, nordestina e professora de língua portuguesa, senti a necessidade de me aprofundar na literatura de cordel. Contudo, enquanto profissional do ensino de língua espanhola,

reconheço a relevância em aprimorar os meus conhecimentos acerca da América Latina, principalmente por saber que, reiteradamente, há um apagamento dessa região nas aulas de espanhol no Brasil. Irineu (2014) aponta a representação da América Latina como um lugar “do desconhecido do exótico, do estranho, do diferente” (IRINEU, 2014, p. 38), o que acarreta uma lacuna na formação de professores de espanhol no Brasil. Tal invisibilidade, muitas vezes, é manifestada pelo silenciamento das culturas e das identidades presentes em sala de aula.

Dito isso, notou-se a necessidade de investigar os cordéis de autoria masculina que abordam a temática “mulher”, pois, desde muito tempo, nos privaram de participar e exercer muitos cargos, simplesmente pelo gênero. Assim, tendo seu lugar polêmico no espaço público, “a mulher foi criada para a família e para as coisas domésticas. Mãe e dona de casa, esta é sua vocação, e nesse caso ela é benéfica para a sociedade inteira” (PERROT, 1998, p. 9).

Desse modo, é perceptível o quanto as mulheres estavam submissas ao homem, viviam cheias de restrições, chegavam até a ser objetificadas. Se até as mais abastadas, do século XIX, não eram concedidos espaços e “voz”, as situações decaíam para as pobres e escravas. Consoante Michelle Perrot (1998), “a idéia de que a natureza das mulheres as destina ao silêncio e à obscuridade está profundamente arraigada em nossas culturas [...] as mulheres permanecem durante muito tempo excluídas da palavra pública” (PERROT, 1998, p. 59). E, na atualidade, embora algumas oportunidades foram alcançadas pelas mulheres, o patriarcado e o machismo ainda perduram. Aliás, estão enraizados na sociedade de vários países, possivelmente, por todo o mundo.

Por essa razão, torna-se relevante mostrar e discutir a visão que os homens possuíam e possuem sobre a mulher na literatura de cordel, como enxergavam e enxergam a função feminina na sociedade, sabendo os estereótipos que carregamos. Além disso, observar como as próprias mulheres se veem, como retratam seu grupo. E trabalhar o gênero cordel é extremamente importante e acessível na cultura nordestina, por isso a escolha.

A partir disso, é possível afirmar que a literatura de cordel é um reduto muito importante para a cultura nordestina, principalmente por narrar o cotidiano de um povo batalhador e resistente. Ademais, trabalha vários temas que podem auxiliar no senso crítico, político e histórico. É um gênero textual que faz um resgate no folclore, estimulando a identidade regional.

Atualmente, a produção de cordéis escritos por mulheres cordelistas vem crescendo e se fortalecendo. No entanto, para chegar a tal visibilidade, foi preciso muita luta e resistência. Segundo Santos, “as mulheres do sertão, mesmo convivendo e participando daquele contexto cultural rico em poesia, não lhes era permitido inserir-se nas práticas poéticas nas mesmas condições dos homens” (SANTOS, 2006, p. 184). E, por essa razão, em 1938, o primeiro folheto de autoria feminina foi publicado com um pseudônimo masculino (QUEIROZ, 2006).

Entre os cordéis lidos e analisados e os lidos e não-analisados, de autoria masculina, a mulher do século XX era vista como submissa ao marido, como um ser pecador, uma serpente, fofqueira, ciumenta, dona do lar, etc. São vários adjetivos depreciativos. Inclusive, muitos estavam associados à fé cristã, em que a mulher era transformada em um animal caso desobedecesse aos seus pais e zombasse de Deus ou da igreja. Isso ocorre devido ao patriarcalismo que sempre inferioriza a mulher, a qual é considerada “sexo frágil” e é objetificada para servir aos homens e ser dependente deles.

Diante do exposto, nossas perguntas de pesquisa são: Por que trabalhar cordéis? Como é a participação feminina nos cordéis? Como a mulher é retratada pelos homens cordelistas e por elas mesmas?

Com o objetivo de compreender tais questionamentos, nosso objetivo geral consiste em analisar cordéis de autoria masculina e feminina do século XX e XXI, equiparando a visão tanto dos homens quanto das mulheres sobre elas mesmas. Já nossos objetivos específicos são:

- Apresentar a importância da literatura de cordel para a nossa sociedade;
- Salientar a participação feminina na literatura de cordel;
- Identificar as possíveis mudanças das percepções masculinas em relação à mulher;
- Observar como a mulher se retrata nos cordéis.

A relevância em discutir a visão masculina e feminina sobre as mulheres é justamente para expor que o machismo e o patriarcado são recorrentes no cotidiano. Enquanto os homens estavam dominando todo o espaço público e literário, as mulheres eram proibidas de participar, sendo silenciadas. De acordo com Queiroz, elas eram

Treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas “prezadas domésticas” – orientação dos filhos, cozinhar, costurar e bordar – aliava-se o alto índice de analfabetismo reinante entre elas. A educação das mulheres (as de famílias mais abastadas) não deveria ir além de escrever livros de receitas ou de orações (QUEIROZ, 2006, p. 13).

Dito isso, comportamentos e atitudes sempre foram impostos à mulher. Desse modo, torna-se significativo retratar que a mulher sempre fez parte da literatura de cordel, mesmo não sendo autora dos folhetos, mas faziam-se presentes nas temáticas, embora com um estigma trivial de santa a pecadora, pura à infiel, dócil à selvagem, etc.

Outrossim, analisamos cordéis produzidos por homens no século XXI, ainda persistindo essa visão padronizada em alguns folhetos, mas também a exaltação em outros. Ademais, estabelecer um paralelo com a visão feminina sobre elas mesmas, sempre reconhecendo uma vida árdua, mas cheia de conquistas, além do empenho para continuar buscando melhorias para o gênero. Ressaltamos que, no século XXI, as mulheres começam a aparecer com mais frequência na autoria dos escritos.

Portanto, trabalhar esses cordéis é reconhecer que o preconceito e os julgamentos acerca da mulher sempre existiram e, infelizmente, reverberaram/reverberam até em um meio literário muito popular e elementar. Mas, com os esforços em busca da equidade, a perspectiva impulsiona ao devido reconhecimento que merecemos e, sobretudo, mostrando que é possível produzir cordel com respeito, sem estereótipos e julgamentos.

Para melhor desenvolver este trabalho, contamos com a seguinte divisão: 1. Introdução, a fim de apresentar a motivação, a temática, a justificativa e os objetivos do trabalho, de fato, introduzir o tema escolhido; 2. Importância da Literatura de Cordel, em que buscamos traçar o percurso histórico do cordel, sua formação, além da participação feminina, considerando as restrições que a mulher tinha nas produções e sua aceitação na atualidade, e da influência do patriarcalismo na nossa sociedade, sua origem a partir da colonização; 3. Metodologia, explicando o caráter qualitativo e os caminhos da pesquisa, voltados à leitura, à análise e à seleção de cordéis; 4. Análise de cordéis, com a finalidade de expor e discutir as perspectivas masculinas e femininas sobre o retrato da mulher, os

pontos positivos e negativos de ambas as visões; 5. Considerações finais, refletindo sobre o assunto abordado, com o intuito de salientar a importância da investigação.

IMPORTÂNCIA DA LITERATURA DE CORDEL

Desde a Idade Média, poetas de diversas classes sociais vagavam pelas ruas das cidades cantarolando notícias importantes para a população, essas figuras recebem várias denominações: trovador, jogral, menestrel, segrel (QUEIROZ, 2006). Essa manifestação de tradição oral propagou-se por diversos países. Na França, ficou conhecida como Canards. Na Inglaterra, os Broadside. Nas Américas, os Corridos ou Compuestos. E no Brasil, Literatura de Cordel.

A literatura de cordel, cujo nome originou-se pela prática dos folhetos serem expostos para venda pendurados em varais de corda, cordéis ou barbantes, chegou ao Brasil por meio dos portugueses, segundo estudiosos. Em Portugal, os poemas eram vendidos em “folhas soltas” ou manuscritos, recebendo influência dos espanhóis, franceses e italianos. A partir de Salvador e Recife, se espalhou pelo interior do Nordeste, sendo reinventada pelo povo nordestino.

A ação de contar histórias já era muito comum, o que inspirou as novelas de cavalaria, as narrativas de guerras e as histórias das conquistas marítimas. No Nordeste, isso era praticado nas fazendas, facilitando ainda mais o meio de circulação. Aproveitando a movimentação nas feiras e nas festas populares, os cordelistas faziam desses lugares um palco perfeito para recitar seus cordéis.

Com conteúdos relevantes, os folhetos se transformaram em um meio de comunicação, estimulando as pessoas a lerem e a aprenderem a ler.

Como instrumento informativo, o cordel contribuiu visivelmente para a divulgação de acontecimentos históricos como Canudos, cangaço, seca; temas de assombração, trancoso, humor, amor, adivinhas, gestas, provérbios etc, e posteriormente, campanhas políticas e publicitárias, dentre outros (QUEIROZ, 2006, p. 37).

Ao apresentar temas jornalísticos, religiosos, educativos, etc., o cordel assume a função didática, presente nas escolas e em questões de vestibulares, e de representatividade cultural, fazendo parte, há muitos anos, da identidade brasileira, com uma super valorização ratificada com a criação da Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Participação feminina nos cordéis

As mulheres nordestinas, descritas nos cordéis selecionados, desde novas, recebiam fortes exigências de como agir, comportar-se e vestir-se. E conforme Falci (2004), essas atitudes ocorreram devido à formação de uma sociedade fundamentada pelo patriarcalismo, influenciada pelo prestígio social e pela cor da pele. As mulheres com alto

poder aquisitivo eram ensinadas a exercer o papel de mãe e cuidar do lar, as pobres e escravas não tinham opções, trabalhavam como costureiras, lavadeiras, roceiras, etc. As mais ricas eram educadas para escrever, no máximo, livros de receitas ou de orações, as demais não eram nem alfabetizadas.

Desse modo, notamos que as mulheres eram criadas para o lar, enquanto os homens estavam engajados nos ambientes políticos, econômicos, sociais, entre outros. E essa dependência feminina “muda quando a família se muda para a cidade e os dois passam a trabalhar fora de casa para o sustento do grupo” (LUYTEN, 2003, p. 2). Então, a mulher passa a participar dos acontecimentos da sociedade e a envolver-se.

Tendo em vista este deslocamento da mulher para o espaço público apenas no início do século XX, suas histórias não fizeram parte da historiografia tradicional. O paradigma historiográfico manteve-se concentrado nas esferas do domínio político e público, ambientes profundamente marcados por delimitações de gênero, sendo eles hegemonicamente masculinos, lançando assim ao esquecimento tudo que dele fosse alheio, configurando o que Michelle Perrot (2007, p. 17) se referiu como o silêncio das fontes (PASTELLETTO; MAIA, 2019, p. 62).

Já era de interesse feminino integrar-se nas esferas públicas, mas, devido às restrições, sentia-se impedida de atuar, era invisibilizada e desvalorizada. Assim, mesmo sem publicar, muitas mulheres escreviam cordéis e aquelas que conseguiam publicar, criavam pseudônimos masculinos, porque sabiam da falta de reconhecimento. Isso pode ser confirmado, porque, em 1938, Maria das Neves Batista Pimentel foi a primeira mulher a publicar cordel no Brasil (única que se tem registro), sob o pseudônimo de seu marido, Altino Alagoano. Logo, utiliza um disfarce para ser aceita popularmente (QUEIROZ, 2006).

As demais produções femininas vão surgir na década de 70. Podemos concluir que, aos poucos, o mercado de mulheres cordelistas foi sendo ampliado, principalmente por preencher os mais diversos campos profissionais e pela crescente urbanização.

Apesar da escassez autoral, a mulher estava presente na literatura de cordel, seja descrita nas temáticas perante uma perspectiva masculina (algumas vezes inferiorizada) ou lendo/repassando os conteúdos para seus filhos. Sobre a mulher como objeto da literatura de cordel, de acordo com Oliveira (1981), ela ocupa três posições determinadas: mulher bendita, mulher propriedade e mulher maldita.

Quanto à “mulher bendita”, trata-se de virgens análogas a Nossa Senhora, portanto, frágeis, sublimes e dignas de respeito e veneração. A “mulher-propriedade” ou a submissa ao homem, é aquela tipo filha de fazendeiro, esposa honesta, que ora é raptada por algum vaqueiro ou seduzida por um malfeitor. Ela é o protótipo de mulher que vive sob a tirania de algum pai, marido ou filho. A terceira categoria, a “mulher maldita” é aquela que não obedece às leis de seu senhor e soberano e é geralmente classificada como prostituta, traidora ou devassa. Não há na literatura popular meio termo para as mulheres. Ou são santas, ou passivas ou desprezíveis (LUYTEN, 2003, p. 3).

Por isso, a importância de discutir o retrato da mulher na historiografia e refletir os impactos que causa na sociedade. Cada vez mais, a mulher luta pela ocupação de espaços públicos, pelo respeito e pela quebra de estereótipos. Vemos que muitas conquistas foram alcançadas, mas o preconceito enraizado dificulta muito a evolução. Em função disso, ainda há muitos cordelistas que representam as mulheres de maneira negativa. Lutemos pelo fim do machismo e pelo enaltecimento feminino que busca por seus direitos e ideais.

Considerações sobre o patriarcalismo

Durante muitos anos, as mulheres vêm sofrendo com a subalternização, com os rótulos, com a discriminação. Isso está associado às relações de gênero, criadas com a intenção de subalternizar as mulheres, uma vez que não havia divisão nem hierarquização entre a sociedade com base nos gêneros. Então, a mulher passou a assumir esse papel de submissa ao homem, com atividades voltadas aos afazeres domésticos, invisibilizada na política e nas esferas sociais.

Conforme Mendonza (2014), a colonização contribuiu para a perda das relações igualitárias entre homens e mulheres africanos e indígenas, em que os homens colonizadores elaboraram essa subordinação para estarem sempre no poder, no controle de tudo. Por isso, muitos espaços foram apartados das mulheres, promovendo o patriarcado na sociedade.

Diante disso, a participação feminina tornou-se uma repulsa em vários setores, inclusive na literatura de cordel, que era exclusivamente composta por homens. Com os achados de cordéis escritos por Maria das Neves Batista Pimentel, sob pseudônimo de Altino Alagoano, nota-se a presença feminina na literatura popular. Segundo Queiroz (2006), foi Maria das Neves a primeira mulher a publicar o cordel feminino, em 1938.

Mesmo perante as restrições, as mulheres não podiam se identificar nas obras, e as publicações só eram válidas com os pseudônimos masculinos, com tema que favorecesse o patriarcado. “Assim, a mulher abdicava de recriar suas próprias experiências para escrever dentro dos domínios do imaginário masculino” (BARBOSA, 2010, p. 58).

De acordo com Delphy (2009), o patriarcado é um termo que vem do grego, sendo *pater* (pai) e *arkhe* (origem e comando), atribuindo que a autoridade é do pai. Assim, essa expressão já diz muito sobre a superioridade masculina em relação à mulher. “O patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres.” (DELPHY, 2009, p. 173).

Surgido desde a Pré-História, o patriarca passou por várias gerações, sempre carregado de privilégios, enquanto a figura feminina, desfavorecida. No Brasil, com a invasão dos portugueses, o cenário continuou o mesmo, uma vez que, como mencionado anteriormente, o patriarcalismo sucedeu à colonização.

Dentro da sociedade nordestina o masculino é preponderante, pois age como um elemento de definição da identidade regional. Para Albuquerque Júnior (2003, p. 25- 26), nesta região ser homem “macho” era visto como a regra, portanto, aqui não se considera o homem apenas como representação do indivíduo, mas sim como representante de seu gênero, sendo considerado não só como “agente do processo histórico, mas como produto desse mesmo processo” (OLIVEIRA, 2017, p. 20).

Isso posto, a formação do Nordeste caracteriza-se pela entidade patriarcal, o homem é o detentor do domínio, ao passo que a mulher lhe deve subserviência, educada para ser submissa e não exercer funções além das domésticas. E, com isso, a figura masculina foi protagonista por muitos anos da historiografia.

Somente na segunda metade do século XIX, a mulher se destaca no meio literário, fazendo com que o protagonismo de suas narrativas seja voltado a elas mesmas. Assim, não é mais necessário que o homem fale por elas, já que esse lugar de fala não compete a ele. Mas que a mulher seja um elemento determinante para escrever, falar, ser ouvida e lida.

Em razão disso, este trabalho objetivou analisar cordéis de autoria masculina e feminina para compreender as percepções dos autores, reflexo da sociedade, acerca das mulheres.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, de caráter descritivo e analítico. Diante disso, serão analisados cordéis escritos por homens e mulheres do século XX e XXI, os quais abordam a questão feminina, a fim de apresentar como as mulheres eram/são notadas pela sociedade.

A metodologia aplicada ao trabalho ocorreu da seguinte maneira:

Primeiro, foram realizadas leituras de textos teóricos para auxiliar na fundamentação. Textos como os de Perrot (1998) me auxiliaram a entender o contexto histórico feminino, o processo de resistência, a visão que possuem para as pessoas, sua função nos espaços públicos, enfim, a representação e participação das mulheres na esfera social. Outro trabalho importante foi o de Neves (2018), que abrangeu meu conhecimento acerca da literatura de cordel, em que abordou as origens, características, temas predominantes, etc.

Após as leituras, foi feito um recorte para analisar como os homens representavam e representam as mulheres nos cordéis, baseando-se nos séculos XX e XXI, assim como elas se sentem representadas no século atual. As buscas pelas obras foram realizadas via Google, o que dificultou achados mais antigos, produzidos por mulheres do século XX, por exemplo. Inclusive, por haver muitos pseudônimos de mulheres que produziam como homens na época, como o caso de Maria das Neves, talvez impossibilitou ainda mais nas buscas.

Os cordéis analisados por composição feminina abordam a trajetória de luta e opressão, assim como apresentam o direito que a mulher tem de participar das atividades públicas, da importância e do valor que desempenham e do quanto é significativo que o respeito prevaleça. O passado, marcado por dor e sofrimento, não deve permanecer.

Posteriormente à coleta dos cordéis, foi feita uma análise mais detalhada e criteriosa de cada obra.

Em suma, toda a seleção dos materiais para os pressupostos foi relevante para guiar o estudo, compreender a temática e verificar, de acordo com os cordéis lidos e analisados, a percepção que a mulher carrega, se há um olhar machista e patriarcal e se perdura até os dias atuais.

ANÁLISE DOS CORDÉIS

Para a realização deste trabalho, foram analisados 6 cordéis de composição nordestina, sendo 4 de autoria masculina e 2 de autoria feminina. Assim, temos 2 cordéis do século XX, escritos por homens, com uma percepção negativa da mulher; 2 do século XXI, escritos por homens, contendo 1 também com uma visão negativa e 1 com uma visão positiva. Por fim, 2 do século XXI, escritos por mulheres, retratando suas próprias percepções sobre si.

Desafortunadamente, não foram analisadas produções femininas do século XX, a esse feito podemos atribuir algumas razões, como: o meio de seleção dos cordéis foi digital, portanto, limitado ao material disponível na rede, sendo que é um material com uma característica, em sua maioria, impressa. A temática escolhida foi sobre a mulher, então, mesmo encontrando folhetos escritos por mulheres, abordavam outras temáticas. Ademais, para sua aceitação, muitas delas escreviam sob pseudônimos, além das elaborações escassas devido ao período, não sendo possível a identificação da autoria feminina. Como dito, quase na década de 40 ocorre a primeira publicação feminina, porém, com heterônimo masculino.

Com isso, percebemos que, mesmo um trabalho que busca evidenciar o papel da mulher, os textos de autoria masculina ganham maior espaço, infelizmente, pelos motivos citados. A seguir, serão discutidos todos os cordéis de acordo com a categoria de análise, visando identificar como as mulheres eram vistas, se houveram mudanças nas percepções masculinas com o passar dos séculos e como a mulher se retrata nos cordéis.

Cordéis do século XX de autoria masculina

O primeiro cordel analisado, escrito por Rodolfo Coelho Cavalcante, um cordelista alagoano, intitula-se “A moça que bateu na mãe e virou cachorra¹”. Trabalha a temática do misticismo.

Neste folheto, podemos observar que há uma forte presença religiosa, em que Helena, uma moça profana, é transformada em um cão por zombar de Cristo, recebendo a “Justiça Divina”.

Era u’a Sexta-Feira Santa
Conhecida da Paixão,
Helena disse à mãe dela:
Quero me virar num cão

Se esta tal de SEXTA-FEIRA
Da PAIXÃO, não é besteira
Da nossa Religião!

A intenção central do texto é atribuir à figura feminina o papel de pagã, sendo castigada por desrespeitar a igreja e não servir aos preceitos religiosos e patriarcais. Além disso, também é vista como “maldita” por bater na mãe.

Helena de vez em quando
Dava surra na mãe dela,
Quando a velha reclamava
Um qualquer mal feito, ela

Com isso se aborrecia,
Na pobre velha batia,
Até que virou cadela.

O catolicismo é tão influente que quem não o segue é penalizado, ficando evidente uma valorização europeia (MENDONZA, 2014) acerca da religiosidade. A personagem, ao debochar dos costumes da religião católica, é demonizada em uma cachorra. Aliás, a capa já possui a representação da moça materializada em forma de cachorra, com o corpo do animal e a cabeça humana.

Vale salientar, de acordo com Mendonza (2014), que a Europa, norte, foi idealizada como o centro do conhecimento e modelo a ser seguido, enquanto os povos colonizados, sul, são secundários à história e silenciados. Por isso, o catolicismo, popularizado no Brasil no período colonial, “serve a um discurso patriarcal que uniformiza nordestinos, não só em uma mesma crença, mas numa mesma atitude em relação a si e à sociedade” (BARBOSA, 2010, p. 48).

Em suma, podemos notar que a mulher carrega características pejorativas. Nesse caso, aliados às crenças religiosas, os cordelistas associavam a luxúria, a desordem e a danação ao pecado feminino, dando às mulheres a simbologia de “animal encantado” (BARBOSA, 2010, p. 177).

O outro cordel analisado foi escrito por José Pacheco da Rocha, cordelista pernambucano. Com a temática sobre a vida urbana, o folheto é nomeado “Mulher no lugar do homem²”.

1 CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **A Moça que bateu na mãe e virou cachorra**. Disponível em: <<http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/viewer/show/281>>. Acesso em: 19 out. 2021.

2 ROCHA, José Pacheco. **Mulher no lugar do homem**. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader>>.

Neste cordel, é possível perceber que o objetivo central é criticar as conquistas femininas, de modo a rebaixar seus feitos e, até, narrar que a mulher quer ocupar o cargo do homem.

De certo tempo p'ra cá
A mulher passou na frente
Tomando o lugar do homem
Fazendo coiza indecente

A tempos que desprezou
A saia que lhe tocou
E tomou as calças da gente

Nesse trecho, presenciamos um olhar machista do autor ao acreditar que as mulheres só devem vestir saia, sendo a calça uma vestimenta masculina. E, vestir-se dessa forma, é um jeito de mostrar superioridade, querer ser melhor ou, ainda, ser “mulher-macho”.

Nas próximas linhas, apresenta-se o sistema laboral, em que só lhe é permitido afazeres domésticos, ser recatada e somente cuidar dos filhos e marido, caso contrário, está possuída por Satanás.

O trabalho da mulher
Para que não fale o povo,
É amarrar uma cabra,
Dar leite a um gato novo,
Tratar duma bacorinha,
Botar milho p'ra galinha
E reparar se tem ovo

Porem a mulher despreza
Trabalhos domesticas
P'ra negociar na feira
Com fazenda e ceriaes,
Outra vai pagodiar
Sorrir, beber e dançar,
Isto não é satanaz?!...

[...]

É notório o quanto, por muito tempo, a mulher foi julgada e proibida de ascender, deveria ser domada, reservada, comportada. E aquelas que viviam na zona rural era ainda mais preocupante, porque, além das poucas oportunidades, cuidavam da roça, dos animais, como citado no trecho acima.

Escanchar-se em bicicleta
Isto pertence a rapaz
Como também futebol,
Que coisas tristes fataes

Esses lugares não tomem
Porque só pertence a homem
Mulher que pensa não faz

O autor continua, em vários versos, a exibir o que a mulher deve ou não fazer. Além disso, discorre sobre o lugar da mulher, quais atividades lhe são permitidas. Se for inteligente, se “pensa”, não fará. Até porque, para a sociedade, também não será vista com bons olhos.

Outros trechos bem relevantes são sobre a independência feminina, em que a mulher “banca” o homem. Esse cenário os preocupa devido ao medo do empoderamento feminino, da sua liberdade, porque uma mulher independente não estará à mercê de ninguém, nada a prenderá em um relacionamento.

aspx?bib=CordelFCRB&Pesq&pagfis=31013>. Acesso em: 19 out. 2021.

Eu conheço uma viuva
Com trinta annos e tanto,
Que disse para um rapaz
Eu te quero bem meu santo,
E quero casar comtigo
E se tu queres comigo
Nossa despesa eu garanto

E assim ellas desejam
Tomar do homem a potencia,
E vemos em cada uma
Gigantesca saliencia,
E para mais cauzar mal
Na vida comercial
Estão de grande influencia

[...]

E, por fim, as últimas estrofes revelam mais um retrato sexualizado da mulher, em que muitas delas são admitidas nos comércios para atrair a clientela. A objetificação feminina é um problema até os dias atuais. O corpo feminino é tido como um objeto de posse para satisfazer os desejos do homem (OLIVEIRA, 2017).

Cordéis do século XXI de autoria masculina

O século XXI, marcado por muitas conquistas femininas, não anulou o fato das barreiras a serem derrubadas. A mulher continua sendo alvo de julgamentos e estereótipos, ainda é tida como sexo frágil, dependente e submissa. Por isso, a importância do feminismo, para lutar pelos direitos da mulher, pelo respeito e pela ocupação das posições públicas.

Os cordéis analisados neste século retratam pontos de vista profícuos, mas outros nem tanto. O seguinte folheto, “A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia³”, foi escrito por Manoel Monteiro da Silva, mais um cordelista pernambucano. Também com a temática da vida urbana, apresenta uma crítica sobre as situações machistas que são difundidas na sociedade. Inclusive, faz um comparativo valorizando a mulher de antigamente e menosprezando a dos dias atuais.

A capa do folheto já nos leva a relacionar a diferença da mulher de antes, vista como reservada, dona de casa, trabalhadora. Em contrapartida, a mulher da atualidade apresenta uma imagem de luxúria, com os seios de fora, bem provocativa. Essa dualidade diz respeito ao silêncio da mulher do passado, aceitando as normas patriarcais, e da mulher independente do presente, que trabalha, corre atrás do seu, dança, sai e não se restringe às vestimentas contidas. Isso causa uma visão distorcida, associando-as à erotização.

Ao iniciar os versos, o autor faz um agradecimento a José Pacheco, escritor do folheto anterior, narrando sua maestria em falar da mulher de antigamente. Como vimos, uma visão muito misógina de como a mulher deveria comportar-se, mesmo com tom humorístico.

As próximas estrofes revelam, mais uma vez, a sensualidade feminina, a malícia projetada em Eva de seduzir, de vestir-se atraentemente, levando o pecado a Adão.

3 SILVA, Manoel Monteiro da. **A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia**. Disponível em: <<https://www.usinadeletras.com.br/exibeltexto.php?cod=4937&cat=Cordel&vinda=S>>. Acesso em: 19 out. 2021.

Você já imaginou
Eva dengosa e faceira
Tendo só por vestimenta
Uma folha de parreira?
Não precisava nem cão
Para Adão fazer besteira
(...)

O homem foi enganado
Por Eva e por Lúcifer
Mas ele em sua bondade
Dá tanta corda à mulher
Que ela pensa que pode
Fazer o que bem quiser.

Observa-se que toda a negatividade é jogada para a mulher, ela é responsável por enganar o homem. Inclusive, a mulher e o diabo são aliados nesse quesito. Ou seja, “o mal é algo que existe fora do homem, exteriorizado sistematicamente no outro, que é mulher. Desse modo, a mulher termina por ser um mal em si” (SANT’ANNA apud BARBOSA, 2010, p. 121).

Elas estão todo dia
Tomando o nosso lugar
Se continuarem assim
Só o que vai nos sobrar
É o tanque de lavar roupa
E o ferro de engomar

Em toda repartição
Tem uma mulher mandando
Elas estão assumindo
Todos os postos de mando
E enquanto isso no lar
Tem uma mulher faltando.

Nesses versos, o autor deixa evidente que cabe somente à mulher a função de cuidar do lar, dos afazeres domésticos, e ela não deveria ocupar os demais cargos, pois são destinados aos homens. É interessante a frase “elas estão assumindo todos os postos de mando”, isso revela resultados de lutas feministas para ocupar espaços (ALMEIDA, 2000), da luta pelo reconhecimento, como, também, do potencial que temos em desempenhar quaisquer tarefas/ocupações.

Quando a mulher é honesta
Leva vida recatada.
Não vive de porta em porta

Nem gosta de cachorrada
Ao passar na rua, as outras
Dizem: - lá vai a pirada!

Novamente, há o estereótipo de atribuir protótipos positivos às mulheres “recatadas”, que vivem para o lar e para seu marido. As demais, que conseguem conscientizar-se e informar-se, não aceitam mais seguir esse modelo e, por isso, tacham as outras como “piradas”, por viverem esse sistema patriarcal.

As seguintes estrofes também evidenciam o modo privado e reprimido da época. As vestimentas eram sempre compostas, com adornos para esconder o corpo, pois só o marido estaria autorizado a contemplá-lo depois do casamento. Caso contrário, como se fosse um produto, fazia a “devolução”, se descobrisse que a noiva não era mais virgem. “A virgindade é comparada a um status dado à figura feminina, identificada a um objeto comprado pelo marido, cujo valor é identificado com a “pureza” do seu corpo” (BARBOSA, 2010, p. 241). Enquanto os homens estavam livres para as experiências sexuais, as mulheres deviam castidade, obedecendo aos princípios cristãos que abominavam tais práticas.

Naquele tempo a mulher
Era um ser quase divino
Vivia para o marido
E para fazer menino.
Mulher não falava grosso
Homem não falava fino.

[...]

A mulher andava livre
Do terreiro pra cozinha.
No resto era proibida
Na sala a mulher só vinha
Se fosse pra trazer água
Ou para tanger galinha.

[...]

Se o marido descobrisse
Na hora da “inspeção”
Que antes dele outro
homem
Havia passado a “mão”
Tinha o direito de
Fazer a devolução.

Já nas últimas linhas, Monteiro chama atenção ao retratar as condições laborais, comparando as mulheres de antigamente, como trabalhadoras e ótimas artesãs, às de hoje em dia, como folgadas. Além de questionar os direitos trabalhistas, que permitem folgas e férias, como quesitos que atrapalham o expediente. Quando, na verdade, são benefícios em prol da vida pós-maternidade, que deixa a mulher sobrecarregada, devido ao sistema patriarcal responsabilizando-as ao cuidado com os filhos.

Hoje elas são folgadas
Escolhem até profissão
Querem se igualar a nós
Só falam em liberação
Umas já dirigem trem
Outras pilotam avião.

A mulher como empregada
É uma calamidade:
Tem quatro meses de folga
Se for pra maternidade
Seu mês só tem vinte dias

Mas falta mais da metade.
Tem trinta dias de férias
Quinze dias pra casar
Tirando a hora do almoço
E a hora de amamentar
Somando tudo não sobra
Horário pra trabalhar.

Ao finalizar, o autor se desculpa, narrando em tom humorístico que o folheto foi produzido para brincar com as mulheres. Porém, tal brincadeira revela a difícil realidade que passamos. Por isso, devemos refletir sobre as ações e procurar amadurecer as ideias para combater o machismo enraizado.

Mulheres do meu Brasil
Desculpem este meu falar
Tudo isso é brincadeira

Do poeta popular
Se não houvesse mulher
Era preciso inventar.

Após discutirmos esse cordel de autoria masculina com uma perspectiva machista, veremos mais um escrito com uma visão contrária, com a finalidade de enaltecer a figura feminina. A seguir, o cordel a ser analisado, de Nando Poeta, cordelista rio-grandense-do-norte, é nomeado “Mulheres em luta⁴”, com o objetivo de abordar a luta das mulheres por independência, respeito e espaço.

A capa do folheto demonstra o desejo das mulheres pela igualdade de gênero, visto que muitas oportunidades foram perdidas por conta disso, além da desvalorização e menor renda salarial. Ademais, as figuras apresentadas expressam a autonomia com a escolha da vestimenta, ignorando os padrões impostos pela sociedade.

4 POETA, Nando. Mulheres em luta. Disponível em: <<http://tributoacordel.blogspot.com/2012/02/mulheres-em-luta.html>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

Os trechos a seguir revelam a percepção do autor em reconhecer e admirar que o público feminino se empenha dia após dia pelos seus direitos, pela ânsia em não seguir modelos patriarcais e buscar ser como quiser. Por isso, válida a importância da mobilização, que ajuda a unir forças para as conquistas almejadas.

As feministas consideravam que somente através da conscientização, proporcionada pelo conhecimento da opressão e dominação a que eram submetidas, poderiam organizar-se, resistir e lutar para escaparem do jugo masculino e das regras sociais injustas (ALMEIDA, 2000, p. 6).

A referência de Almeida (2000) possibilita compreender o quanto a informação transforma a sociedade e ajuda a combater preconceitos, rompendo com as submissões que eram impostas às mulheres, transfigurando o silêncio em voz, enfrentamento e busca por melhorias e notoriedade.

Mulheres em movimento
Não aceitam exploração,
Reivindicam seus direitos,
Combatem toda opressão,
Entendem que a saída
É a mobilização.
[...]

Para obter as conquistas
Travou-se muita batalha.
Por vezes verteu-se sangue,
Pelo corte da navalha,
Mas a sua força ativa
Derrubou muita muralha.

Nos outros versos, evidencia a violência sofrida por muitas mulheres, que, por inúmeras razões, decidem continuar com o agressor e vivem uma vida de sofrimento, umas até morrem por causa dessas agressões. E como se não bastasse esse ataque machista, há os casos de estupro e assédio, que inferiorizam e matam diariamente.

Uma pesquisa feita pelo Anuário de Segurança Pública⁵ relata que, a cada 8 minutos, uma mulher é estuprada no Brasil. Esse alto índice pode ser explicado pela impunidade dos agressores que, mesmo com as leis, saem inocentados das acusações ou recebem punições leves.

É rotina social
Vê-se mulher espancada.
Nos cômodos de sua casa
Há sempre uma estuprada.

E em seu próprio trabalho
Tem mulher assediada.

Para finalizar, Nando propõe respeito às mulheres, legalização do aborto (tema delicado) e inclusão. Assim, aos poucos, teremos um mundo igualitário, em que a mulher não necessite submissões e silenciamentos, mas notáveis papéis na sociedade.

5 Reportagem obtida pela Universa Uol, por Luiza Souto, com registros de violência de gênero de 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/10/18/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-2020.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

A luta de outrora segue
Por emprego e moradia,
Creche, saúde, salário

Respeito no dia-a-dia,
Legalizar o aborto
E acabar com a covardia

Após a análise desses cordéis, nota-se que a mulher, dentro de um panorama masculino, foi e continua sendo alvo de julgamentos e subalternidades. Todavia, há aqueles que manifestam o apoio e o reconhecimento às causas femininas.

Barbosa (2010), também analisando cordéis em sua tese, chegou à conclusão que as mulheres são retratadas com estereótipos negativos, influenciados por princípios patriarcais, ferindo a dignidade da família, em contraposição aos homens, que, mesmo com personagens danosos, não são tão sentenciados quanto elas.

Os personagens masculinos castigados são o desordeiro, o vagabundo, o homem que bate na mulher e o casado namorador, pois todos ferem o lar patriarcal, baseado na imagem idealizada do nobre chefe de família. As personagens femininas são a filha que maltrata os pais, a moça farrista que dança, a mocinha nova e fogosa “quente igual a pimenta” e a mulher ciumenta, que, além de colaborar para a desestabilização do equilíbrio familiar, adequam-se ao conceito de Madalenas (BARBOSA, 2010, p. 189).

Com isso, torna-se relevante refletir que os versos satíricos trazem mulheres estigmatizadas, com atitudes reprovadas pela sociedade. E tais narrativas são baseadas na realidade, na qual o público feminino vivia privado de realizar algumas atividades e quando quebravam essas barreiras eram criticadas e excluídas.

Cordéis do século XXI de autoria feminina

Após a análise dos cordéis de autoria masculina, passemos para os escritos femininos. Como mencionado, em virtude das poucas produções das mulheres no século XX, uso de pseudônimos e temáticas divergentes, os folhetos analisados foram produzidos no século XXI.

A relevância em trazer os cordéis de autoria feminina é para justamente mostrar que a mulher, sim, produz cordel e merece que todos possam ver seu protagonismo, sua trajetória, além de contemplar a sua presença nas mais diversas esferas da sociedade.

Diferente de alguns folhetos comentados, a mulher não se restringe a uma dona do lar, submissa ao pai e ao marido, recatada, sem visibilidade e silenciada. A mulher tem voz, direitos e capacidade para administrar qualquer situação.

O primeiro cordel analisado foi escrito por Salete Maria, uma cordelista cearense que trabalha temáticas voltadas a críticas sociais em relação à mulher, a fim de manifestar a história e a luta feminina em busca de melhorias.

O folheto intitula-se “Cidadania nome de mulher⁶”, escrito em 2001, que critica as

6 MARIA, Salete. **Cidadania nome da mulher**. Disponível em: <<http://cordelirando.blogspot.com/2008/07/cidadania-nome-de-mulher.html>>. Acesso em: 22 out. 2021.

funções desempenhadas às mulheres, oprimindo-as e inferiorizando-as. Ademais, declara a importância da luta feminina e de não aceitar a opressão.

A capa remete ao símbolo da justiça, com a ideia de questionar se a equidade só cabe aos homens, enquanto os outros estão à mercê da desonestidade.

As primeiras estrofes relatam a dificuldade feminina em forma de repressão e dominação, principalmente no sertão nordestino, em que as épocas passadas eram marcadas por essas características. Inclusive, a autora cita a sua bisavó para alinhar o tempo.

Quando minha bisavó	Era comum se ouvir	A mulher também não tinha
Vivia pelo sertão	Que mulher vive é calada	Nenhum prazer sexual
Era um tempo de aperreio	Faz a vontade do homem	Nem mesmo sonho ou
Era grande a precisão	Para não ficar “falada”	desejo
Mulher não tinha direito	A mulher era um objeto	Vivia como animal
Pro homem tudo era feito	Casava pra ter um teto	Servia sempre seu dono
Só ele era cidadão	E cuidar da filharada	Ou caía no abandono
		Era o destino fatal

Esses trechos mostram, mais uma vez, a associação da mulher às atividades domésticas. É como se fôssemos criadas para servir e satisfazer os desejos masculinos, enquanto nossas vontades são descartadas e excluídas.

Se quisesse trabalhar	A família exigia
Seria dentro de casa	Q’ela se casasse um dia
Estudar era um perigo	Pra ver se desencahava
Pois podia criar “asa”	

Já os fragmentos acima revelam a repressão laboral, em que a mulher não podia desempenhar outras funções a não ser a de “dona de casa”. Tampouco existia um apoio para os estudos. Como mencionado, era um perigo a mulher ter conhecimento, ser informada. Por isso, Almeida (2000) afirma que

A educação feminina, durante longo tempo, tanto na escola como na família, foi normatizada e controlada pelos homens e de acordo com o que estes consideravam necessários. Para estes, o espaço público, a política, a gerência dos negócios; para as mulheres, o cuidado com a casa e os filhos, a economia doméstica (ALMEIDA, 2000, p. 12).

Outro ponto nos seguintes excertos é com relação à luta e à violência feminina. Com relação à primeira, são apontados o esforço e a resistência em busca dos direitos. Inclusive, sinaliza as manifestações que ocorreram na parte “Se organizou, foi à rua. Rasgou o véu, ficou nua. Pugnou por alforria”. Ou seja, há a ânsia pelo respeito, por melhores condições.

No tangente à violência, percebe-se o sofrimento feminino causado pela hostilidade dos homens que chegam a acreditar que são “donos” e habilitados a nos tratarem como quiserem e não serão punidos. Há até um trecho que referencia um ditado machista, em

que “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher” transcrito “O mundo todo se esquiva ‘e ninguém mete a colher””.

Lutar, eu sei que lutou
Se pôs contra a monarquia
Deu à luz o cidadão
Mesmo sem cidadania
Se organizou, foi à rua
Rasgou o véu, ficou nua
Pugnou por alforria
[...]

Variadas são as faces
Dos crimes contra a mulher
A violência velada
Ninguém vê, ninguém dá fé
Mas quando é ostensiva
O mundo todo se esquiva
“e ninguém mete a colher”

Nos fragmentos finais, a autora demonstra o desejo em seguir lutando e a cada dia mostrar nosso potencial, estarmos ocupando os cargos mais importantes, a fim de propagar a representatividade. De fato, pleitear pela cidadania e pela vida.

Vamos mostrar que pensamos
E procriamos idéias
E que não só menstruamos
Gritemos em assembléia

Cidadania se quer
E tem nome de mulher
Eis a nossa epopéia

O último cordel analisado chama-se “Mulheres do preconceito à justiça”⁷, de Rivani Nasario, uma cordelista pernambucana. Este folheto apresenta uma crítica social acerca desigualdade, violência e luta feminina, além de ser dedicado a todas as mulheres do Brasil.

A capa representa o esforço da mulher em acabar com o preconceito e garantir justiça pelas atrocidades vivenciadas por ela. Outrossim, comemorar os 100 anos do Dia Internacional da Mulher, que, mesmo com tantos avanços, há muito o que melhorar.

Os seguintes versos recordam o passado sofrido, de submissão, diferente dos dias atuais, em que as mulheres conseguem mais independência e resistência. Assim como, continuam lutando, cada vez mais, pela conquista de oportunidades e dignidade.

A história já mostrou
Verdadeira submissão
Abaixavam a cabeça
Tinha medo de dizer não
Mas isso foi no passado
E não vai voltar mais não

[...]
Da exclusão à conquista
Temos é que admirar
Mulheres trabalhadoras
Começaram a lutar
Conquistando seu espaço
Para o Brasil prosperar

A passagem abaixo revela a dedicação feminina no combate à desigualdade, à opressão e à ditadura. Ou seja, a mulher não mais permite ser controlada e silenciada, vai em busca dos seus direitos. Também aponta a força que temos, a perseverança em não desistir e a capacidade de usufruir do mesmo modo que os homens.

7 NASARIO, Rivani. **Mulheres do preconceito à justiça**. Disponível em: <<https://silo.tips/download/autora-rivani-nasario-cangaceira-do-cordel>>. Acesso em: 23 nov. 2021.

Contra desigualdade
Mulher usa sabedoria
Mostra a seriedade

Em favor da democracia
Essa forma de lutar
Ela sempre defendia

Finalizando a análise desse cordel, nas últimas estrofes, a autora menciona a Lei Maria da Penha⁸, sancionada em 2006, com a intenção de prevenir e impedir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Tal regimento é de grande valia para os ataques cometidos às mulheres.

Violência nem pensar
Isso não é solução
Agressão contra mulher
Não tem nem mesmo perdão
Tem a Lei Maria da Penha
Quem vier com essa ação
[...]

Mulheres prontas pra luta
E quem vai encarar?
São muito organizadas
Você pode apostar
De todas origens e raças
Para o Brasil caminhar

Por fim, observamos que o texto, além de exaltar a figura feminina, sua força, sua persistência, sua luta, também aborda os momentos de dominação, mas que, pouco a pouco, estão sendo superados.

Em suma, os cordéis estudados de autoria feminina objetivam expor a história da mulher, baseada em sofrimentos e silenciamentos, embora muitos progressos ocorreram. E deram a volta por cima, tornando-se protagonistas de suas vivências.

As mulheres atravessaram o silêncio e ficaram muito tempo ausentes do discurso histórico, mas tiveram coragem suficiente para soltar sua voz polissêmica e polifônica. Erguem-se, pois, inovadoras da linguagem, desafiando velhos paradigmas, desconstruindo situações e vivências em que se sedimenta a sua identidade. Com a sua poesia, promovem uma subversão dos estereótipos femininos tradicionais, criando uma nova ordem social: a transformação da mulher de objeto em sujeito da história e da vida (QUEIROZ, 2006, p. 107).

Todavia, ainda há preconceitos e repressões, devido ao sistema machista e patriarcalista enraizado, “em que se evidencia o silêncio e a reclusão tanto no cenário público da vida cultural quanto no registro das histórias da nossa literatura” (QUEIROZ, 2006, p. 13). Por isso, há a necessidade de seguir rompendo essas barreiras que assolam o gênero, visibilizando e enriquecendo tanto as produções quanto a figura feminina em si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa foi proposta devido ao silenciamento feminino no campo literário do cordel, em que era um espaço predominantemente masculino. Todavia, mesmo não sendo autoras dos cordéis, eram alvo de críticas, marcado por estereótipos

⁸ BRASIL. LEI MARIA DA PENHA. Lei N.º11.340, de 7 de Agosto de 2006.

e por imposições. Assim, analisamos folhetos de autoria masculina e feminina, a fim de sabermos como a mulher era/é retratada sob uma perspectiva do homem e dela mesma, partindo do século XX e XXI.

Consideramos que o trabalho alcançou seus principais objetivos, que foi **Apresentar a importância da literatura de cordel para a nossa sociedade**, destacando sua função didática, informativa e de representatividade cultural; **Salientar a participação feminina na literatura de cordel**, exibindo a escassez nos anos iniciais à origem, principalmente em decorrência do analfabetismo, restrições, desvalorização ou até uso de pseudônimos, mas a crescente presença na atualidade; **Identificar as possíveis mudanças das percepções masculinas em relação à mulher**, em que notou-se uma valorização à figura feminina contrapondo os cordéis que inferiorizam-na; **Observar como a mulher se retrata nos cordéis**, apresentando os momentos de luta e de superação, além das opressões vivenciadas antigamente.

Com isso, constatamos que os cordéis de autoria masculina do século XX trouxeram uma visão estandardizada, fruto do sistema patriarcal que concedia papéis insignificantes à mulher, limitando-as às tarefas do lar, enquanto os âmbitos públicos estavam destinados aos homens. No século XXI, apesar de alguns ainda carregarem consigo o machismo arraigado da época, havia aqueles que enalteciam as mulheres, que conseguiam enxergar o nosso potencial e valorizar nosso ser, apoiar nossa causa e viabilizar nossa luta.

Sobre os cordéis de autoria feminina, verificamos que há o propósito em lembrar, na historiografia, os períodos de repressão, mas buscar sempre lutar pela quebra do silêncio e pela hegemonia masculina. Ou seja, não devemos esquecer nosso passado para que não seja repetido, assim como devemos manifestar nossos direitos e denunciar a violência sofrida.

Em suma, nosso trabalho possui a relevância de investigar que a visão do homem sobre a figura feminina foi modificada com o passar dos séculos, de modo a trazer narrativas de exaltação e de valorização do gênero. “O patriarcalismo sobrevive, mas é continuamente recriado por olhos masculinos e femininos que buscam dar novas abordagens para as situações vivenciadas pela mulher ao longo do século XX” (BARBOSA, 2010, p. 279). Por isso, a necessidade em seguir lutando e manifestando nossos desejos, em busca de respeito e de visibilidade nas esferas sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, v. 81, n. 197, p. 5-13, jan./abr. 2000.

BARBOSA, Clarissa Loureiro Marinho. **As representações identitárias femininas no cordel: do século XX ao XXI**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco – Teoria da Literatura, 2010.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 173-178.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão Nordestino. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

IRINEU, L. M. Memórias sobre a América Latina na formação de professores de Espanhol. In: LIMA, L. M. (Org.) **A (In)Visibilidade da América Latina na Formação de Professores de Espanhol**. Campinas: Pontes, p. 21-41, 2014.

MENDOZA, Breny. **La epistemología del sur, la colonialidad del género y el feminismo latinoamericano**. In: Espinosa Miñoso, Yuderlys (eds). Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala. Popayán. Editorial Universidad del Cauca, p. 91-103, 2014.

NEVES, Francisco Paiva. **Literatura de cordel – origens e perspectivas educacionais**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação. Fortaleza, 2018.

OLIVEIRA, Letícia Fernanda da Silva. **De mártir a meretriz: Figurações da mulher na Literatura de Cordel (1900-1930)**. 2017. 192 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

OLIVEIRA, Maria Francinete de. **A representação da mulher na literatura de cordel**, 1981. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1981.

PASTELLETTO, Nielly Da Silva; MAIA, Tatiana Vargas. MULHERES ÀS URNAS: CIDADANIA FEMININA NAS PÁGINAS DA REVISTA DA SEMANA (1931-1933). **Revista Outras Fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 61-83, jan./jul., 2019.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres cordelistas: percepções do universo-feminino na Literatura de Cordel**. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários. Belo Horizonte, 2006.

SANTOS, Francisca Pereira dos. Mulheres fazem... cordéis. **Graphos**. João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 183-194, jan./jul., 2006.